



cinema
experimental
português:
o cinema
dos artistas,
anos 60 e 70

cinemateca
novembro 2025

CINEMA EXPERIMENTAL PORTUGUÊS: O CINEMA DOS ARTISTAS, ANOS 60 E 70

Ana Hatherly, Carlos Calvet, E. M. de Melo e Castro, Ângelo de Sousa, Luís Noronha da Costa, António Palolo, Artur Varela, ou Julião Sarmento, são alguns dos artistas portugueses que, nos anos sessenta e setenta, expandiram a sua prática artística ao cinema, prosseguindo, por outras vias, experiências que vinham a desenvolver em áreas como a pintura, a escultura, o desenho, a fotografia, a *performance*, ou no cruzamento entre estes vários meios. Este é um programa dedicado ao cinema experimental realizado em Portugal por estes e outros artistas, e incluirá nesta primeira parte, que tem lugar no mês de novembro, filmes de Carlos Calvet, Hatherly, Noronha da Costa, Ernesto de Sousa, António Palolo, Julião Sarmento, Lourdes Castro, Helena Almeida, Vítor Pomar, Silvestre Pestana e Fernando Calhau. A lista de nomes é extensa e o número de filmes também, naquele que se pretende um programa exaustivo sobre a obra cinematográfica associada a um conjunto de criadores que, nas décadas de 1960 e 1970, experimentaram o cinema, encarando as possibilidades deste meio como uma extensão do seu trabalho anterior, abrindo novas vias para o mesmo.

À semelhança do contexto internacional, as fronteiras entre o filme e as restantes formas de arte sofreram uma profunda transformação, revelando-se o filme, mas também a fotografia e o vídeo, suportes fundamentais para uma redefinição das práticas artísticas. E se tal se começou a desenvolver no final dos anos 1950 (o caso de Calvet), teve uma maior expressão nas décadas seguintes, em particular na de setenta.

Exibiremos assim na Cinemateca obras realizadas por artistas que, no período em questão, recorreram sobretudo a formatos dito amadores, película de pequenos formatos, nomeadamente Super 8 e 8 mm, mais raramente ao 16mm, e muito residualmente ao vídeo. Se nos centramos sobretudo no suporte fílmico, apresentamos algumas exceções, como é o caso do trabalho de Silvestre Pestana, que acompanha o momento em que o vídeo começava também a dar os primeiros passos, antes da proliferação das câmaras portáteis. A aproximação da obra fílmica destes artistas, pensada a partir do ponto de vista do cinema, procurará assim interrogar as origens de um cinema dito experimental feito em Portugal, insistindo-se para que vários destes filmes sejam projetados nos seus suportes originais. Este programa, que terá uma segunda parte em meados de 2026, é o resultado de um trabalho continuado de prospeção, conservação e digitalização, desenvolvido ao longo dos últimos anos e que contou com a participação de inúmeros intervenientes. Parte destes títulos serão mostrados em cópias novas, recém-digitalizadas pela Cinemateca, mas sempre que possível serão exibidos nos seus suportes de origem, concluindo-se o programa com uma sessão em que projetaremos filmes exclusivamente em Super 8, 8 e 16 mm.

É entre “filmes de artistas” e “filmes de amadores” que se desenrolam estas sessões, que a par de “obras acabadas”, revelarão um cinema livre, muitas vezes associado ao quotidiano de quem o fazia com a sua pequena câmara, um cinema documental ou diarístico, mais ou menos narrativo. Trabalhos que registam um encontro entre amigos, numa clara insistência na importância da relação arte/vida, documentam uma exposição ou uma *performance* e que se juntam a outros que se apropriam de imagens pré-existentes ou envolvem a manipulação expressa de imagens e sons, mais explicitamente conotados com o cinema experimental. São filmes frequentemente mudos, cujo som era o dos pequenos projetores na sala, que poderemos ouvir em algumas sessões.

Grande parte das sessões terão apresentação ou conversas com artistas, colaboradores dos filmes e personalidades que deles são próximos, sendo estas moderadas por Joana Ascensão, programadora do Ciclo. Silvestre Pestana e Vítor Pomar são dois dos artistas que estarão presentes nas respetivas sessões.

► Quarta-feira [05] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
PROGRAMA CARLOS CALVET

MOMENTOS NA VIDA DO POETA

com Mário Césariny, João Rodrigues

Portugal, 1964 – 12 min / mudo

VENEZIA 1959

Portugal, 1959 – 10 min / som

ESTUDO DE CAMIONETA ABANDONADA

Portugal, [1960] – 2 min / mudo

FILME EXPERIMENTAL

Portugal, 1963 – 3 min / mudo

UM DIA NO GUINCHO, COM ERNESTO

Portugal, 1969 – 7 min / mudo

de Carlos Calvet

duração total da projeção: 46 minutos | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Carlos Calvet (1928-2014) foi um pioneiro entre os artistas plásticos que, em Portugal, experimentaram filmar em película, maioritariamente em suportes amadores, o 8 mm e o Super 8, e pioneiro do que podemos chamar de cinema experimental português, que entronca em algumas experiências das vanguardas do final dos anos 1920/1930. Os seus primeiros filmes datam de 1959, ano de VENEZIA, trabalho a cores e o único com som da sessão, que revela um olhar apurado em termos de ritmo e composição, o que se manifesta ainda em ESTUDO DE CAMIONETA ABANDONADA e FILME EXPERIMENTAL. MOMENTOS NA VIDA DO POETA, o seu filme mais conhecido, é uma ficção com conotações surrealistas em que retrata Mário Césariny nas suas deambulações por Lisboa e num quotidiano enigmático. Um “cadavre exquis”, como escreveu Calvet “. UM DIA NO GUINCHO, COM ERNESTO documenta um encontro organizado por Ernesto de Sousa, em colaboração com Noronha da Costa e com a Oficina Experimental, que ficou conhecido como “Encontro do Guincho” e contou com a participação de inúmeros artistas e uma intervenção em torno de um

“objecto” de Noronha da Costa. Um encontro que terminaria num piquenique/festa, que traduzia o ambiente que marcou esta fase do experimentalismo português. Nas imagens encontramos Ana Hatherly, Artur Rosa, Noronha da Costa, Clotilde Rosa, E. M. Melo e Castro, Fernando Pernes, Helena Almeida, Jorge Peixinho, etc. MOMENTOS NA VIDA DO POETA será projectado duas vezes; na sua versão recentemente digitalizada, mas também em película. Primeiras exibições na Cinemateca.



► Quinta-feira [06] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
PROGRAMA ANA HATHERLY - 1

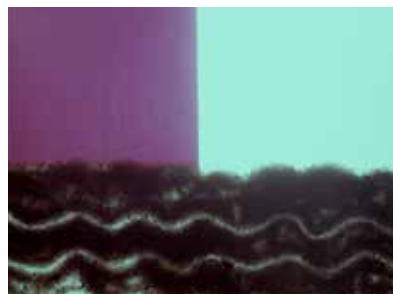
THE THOUGHT FOX

Reino Unido, 1974 – 1 min / som



FRAGMENTOS DE ANIMAÇÃO

Reino Unido, 1974 – 1 min / mudo



SOPRO

Reino Unido, 1974 – 1 min / mudo

5 EXERCÍCIOS DE ANIMAÇÃO

Reino Unido, 1974 – 3 min / mudo

C. S. S.

Reino Unido, 1974 – 2 min / som

REVOLUÇÃO

Portugal, 1975 – 11 min / som



DIGA-ME, O QUE É A CIÊNCIA? – I

Portugal, 1976 – 20 min / som

DIGA-ME, O QUE É A CIÊNCIA? – II

Portugal, 1976 – 15 min / som

ROTURA

Portugal, 1977 – 6 min / som

de Ana Hatherly

duração total da projeção: 60 minutos | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO



Para além do seu trabalho no domínio das artes plásticas e da literatura, Ana Hatherly (1929-2015) também se interessou pelo cinema. REVOLUÇÃO, o seu filme mais conhecido, sucede a um raríssimo conjunto de trabalhos realizados em 1974 e produzidos pela London Film School, na qual Hatherly prosseguiu uma especialização no domínio da animação. Originalmente filmado em Super 8, ampliado para 16 mm e estreado na Bienal de Veneza em 1976, REVOLUÇÃO retrata as paredes, os murais e os *grafitti* das ruas lisboetas do pós-25 de Abril de 1974. THE THOUGHT FOX é uma curtíssima ficção que assina enquanto aluna da escola londrina, pertencendo os restantes filmes de 1974 ao domínio do que habitualmente se considera como animação abstrata. DIGA-ME, O QUE É A CIÊNCIA? – I e II, que Hatherly designava respetivamente como “operários” e “camponeses”, sobressaem pela simplicidade do seu método interrogativo e pelo modo como são questionados os seus protagonistas. ROTURA documenta uma *performance* realizada por Ana Hatherly na Galeria Quadrum em 1977, mostrando o confronto da artista com enormes suportes de papel, que rasga com vigor.





Uma sessão que reúne quatro filmes a que Hatherly regressou muitos anos depois, e que mostramos em cópias agora produzidas, partindo dos suportes originais. São quatro das mais importantes obras de Hatherly, que fazem parte de um trabalho, por norma “experimental” na aceção comum do termo, e que se relacionam diretamente com o período revolucionário. Os primeiros são três filmes que, como referiu a artista em 2013 por ocasião de uma outra sessão que organizámos em sua presença na Cinemateca, participam de uma mesma vontade de “dar a voz ao povo”. REVOLUÇÃO convoca para o cinema o princípio dos seus “cartazes rasgados” e das pinturas murais pelas quais se disseminavam palavras de ordem, que se cruzam com as palavras dos discursos e da música de intervenção. DIGA-ME, O QUE É A CIÊNCIA? – I e II parte de um conjunto de questões colocadas a operários e camponeses. Se as diferenças face às primeiras versões são poucas nos três primeiros filmes, ROTURA é apresentado numa versão substancialmente mais longa. A apresentar em cópias digitais.

► **Sexta-feira [07] 19h30 | Sala Luís de Pina**

PROGRAMA ANA HATHERLY – 2

REVOLUÇÃO

Portugal, 1975 – 11 min / som

DIGA-ME, O QUE É A CIÊNCIA? – I

Portugal, 1976-2009 – 16 min / som

DIGA-ME, O QUE É A CIÊNCIA? – II

Portugal, 1976-2009 – 12 min / som

ROTURA

Portugal, 1977-2007 – 16 min / som

de Ana Hatherly

duração total da projeção: 55 minutos | M/12



► Sábado [08] 20h00 | Sala Luís de Pina
PROGRAMA JULIÃO SARMENTO - 1

ACORDAR

Portugal, 1976 – 3 min / mudo

1, 2, 3

Portugal, 1975 – 3 min / mudo

TV

Portugal, 1975 – 3 min / mudo

MEDIA

de Julião Sarmento, Fernando Calhau

Portugal, 1975 – 8 min / mudo

PERNAS

Portugal, 1975 – 4 min / mudo

CÓPIAS

Portugal, 1976 – 4 min / mudo

FACES

Portugal, 1976 – 45 min / mudo

de Julião Sarmento

duração total da projeção: 70 minutos | M/16

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

O cinema ocupou um lugar central na obra de Julião Sarmento (1948-2021) desde 1967. Trabalhando sobre o erotismo ou os impulsos reprimidos de cada um, a sua obra desenvolveu-se em consonância com muito do cinema experimental. Esta sessão reúne os filmes realizados por Sarmento em 1975 e 1976, excluindo-se trabalhos anteriores, dados como destruídos. Entre a representação de relva e de seixos brancos e a sua numeração, 1,2,3 é uma obra em que a estrutura mais se revela. PERNAS e FACES centram-se mais explicitamente na relação entre o desejo e a imagem do corpo feminino. Em TV uma mulher é filmada num duplo alheamento face ao que vê na televisão e face ao facto de estar a ser vista. MEDIA trabalha a fronteira entre a imagem fixa e a imagem em movimento, convocando o próprio movimento de um fotógrafo. CÓPIAS inscreve-se entre a esferas da intimidade e um registo da paisagem em movimento. Kerry Brouquer referia como estes filmes iniciais condessavam grande parte da produção do artista: “o foco na mulher, na sexualidade e na objetificação; a parede monocromática como tela em branco (que seria incorporada nas suas *Pinturas Brancas* duas décadas mais tarde); a fusão entre o corpo e o pano de fundo; e, acima de tudo, a amplificação do próprio *medium* para neutralizar as ilusões cinematográficas e abrir o sentido da imagem.” ACORDAR será projetado em Super 8.



► Sábado [08] 22h00 | Sala M. Félix Ribeiro
PROGRAMA LOURDES CASTRO - 1

O AMOR QUE PURIFICA

Portugal, 1970 – 37 min / mudo

TROTOÁRIO AZUL

Portugal, 1970-72 – 33 min

realização coletiva (de Lourdes Castro, René Bertholo, José A. Paradela, Pitum Keil do Amaral, Eduarda e Marcelo Costa, Leonor Bettencourt, João Conceição, Alexandra e Luis Moreira, Marcela Costa, Jorge Sumares)

duração total da projeção: 70 minutos | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO



A partir da década de 1960, Lourdes Castro (1930-2022) desenvolveu um interesse pela projeção e fixação de perfis e sombras, retratando-as no seu trabalho em materiais diversos, como lençóis, acrílico e papel. As sombras surgem no seu trabalho associadas à procura da depuração e do essencial. Os filmes desta sessão embora não sejam assinados por Lourdes Castro a solo, revelam o modo como para a artista e para os seus companheiros a arte era indissociável da vida. No verão de 1969 um grupo de amigos juntou-se para realizar um “fotonovelo”, projeto que durou algumas semanas e que congregou uma sequência de diapositivos, dois filmes em Super 8, gravação de voz em fita magnética, e duas canções de um disco em vinil. Juntos fizeram O AMOR QUE PURIFICA, uma paródia de um género muito popular na altura. Um ano depois (já sem Pitum Keil do Amaral e Leonor Bettencourt) realizaram um filme em 16 mm a que deram o nome de TROTOÁRIO AZUL, que envolve uma montagem de sequências improvisadas e filmadas em diferentes locais da Ilha da Madeira.

► Segunda-feira [10] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA LUÍS NORONHA DA COSTA - 1

CASA SOBRE CASA

Portugal, 1972 - 3 min

AS TRÊS GRAÇAS

Portugal, 1972 - 3 min

MANUELA

Portugal, 1972 - 5 min

A MENINA MARIA

Portugal, 1972 - 17 min

MURNAU

Portugal, 1972 - 3 min

KARL MARTIN

Portugal, 1974 - 13 min

PADRES

com André Gomes, Rita Azevedo Gomes, Luís Vilaça

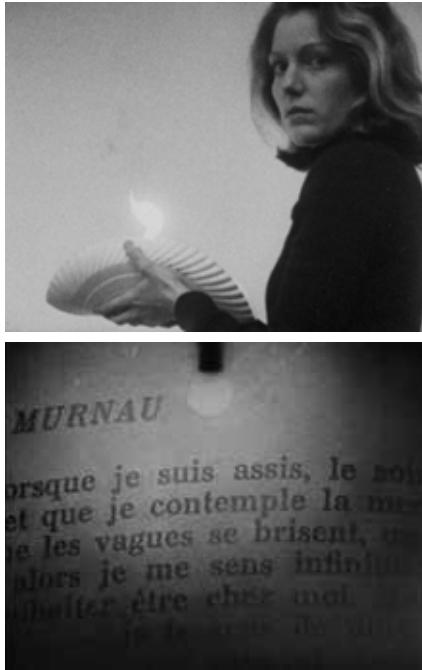
Portugal, 1975 - 41 min

de Luís Noronha da Costa

duração total da projeção: 85 minutos | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

de uma obra cinematográfica: é-o em sentido metafórico, evidentes que são as relações da sua pintura com o cinema. Mas é-o em sentido próprio. Nos anos setenta, Luís Noronha da Costa (1942-2020) realizou muitos filmes, que sempre considerou fundamentais no seu percurso estético, dos quais apenas um teve uma produção menos caseira e, embora nunca tenha estreado comercialmente, conheceu alguma difusão – O CONSTRUTOR DE ANJOS (1978/9). Esta primeira sessão regressa aos mais antigos filmes de Noronha da Costa: CASA SOBRE CASA, tentativa “impossível” de colar imagem à imagem do real; AS TRÊS GRAÇAS, novo binómio cinema-pintura. Sempre a imagem como espelho ou a imagem como espelho da imagem. MANUELA é um filme sobre e com Manuela de Freitas, filmado na Comuna, pouco depois da criação deste grupo teatral. A MENINA MARIA é uma obra fundamental para a afirmação de Noronha da Costa como cineasta, sendo simultaneamente uma obra de experimentação e um “divertimento” libérrimo. Em KARL MARTIN - Karl, de Marx, e Martin, de Heidegger -, o discurso de Friburgo de Heidegger conjuga-se com o Manifesto do Partido Comunista. “MURNAU, filme, é o fantasma de Murnau tela, prolongando até ao paroxismo o jogo de duplos e o jogo de espectros... PADRES começa com um plano fabuloso que ilumina toda a sessão” (João Bénard da Costa).



► Terça-feira [11] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
PROGRAMA LOURDES CASTRO - 2

SOMBRAZ POR LOURDES CASTRO

de Manuel Pires, Lourdes Castro
Portugal, 1970 - 9 min / mudo

LINHA DE HORIZONTE. TEATRO DE SOMBRAZ

de Catarina Mourão, Lourdes Castro
Portugal, 1981/1986-2010 - 40 min / som

EXPOSIÇÃO DE LOURDES CASTRO NA GALÉRIA 111

de Manuel Pires
Portugal, 1970 - 11 min / mudo

duração total da projeção: 80 minutos | M/12

COM A PRESENÇA DE CATARINA MOURÃO

Lourdes Castro Iniciou o seu Teatro de Sombras por volta de 1966, primeiro com a colaboração de René Bertholo (com quem fundou o grupo KWY) e depois com Manuel Zimbro, entre 1973 e 1986. Esta é uma sessão dedicada às sombras enquanto elemento central do trabalho da artista, revelador da ligação profunda da sua obra com o cinema. A abrir, um registo filmico de um "Teatro de Sombras" de Lourdes Castro no Teatro Laura Alves em 1970, em Lisboa, com efeito de luz e de cor de Manuel Pires, que assina a realização. Nestas peças performativas, a artista representa atrás de um lençol várias ações quotidianas, como sombras que se movem no espaço. LINHA DE HORIZONTE é um diaporama realizado por Catarina Mourão (autora do filme LOURDES CASTRO - PELAS SOMBRAZ, 2010) e Lourdes Castro, a partir do registo fotográfico feito por Claire Turyn num dos espetáculos em 1985, às quais se juntam a banda sonora original, composta por música e sons ambiente, correspondentes às imagens que vemos. O diaporama é feito a partir do registo de uma *performance* teatral, mas está muito mais próximo da linguagem cinematográfica. EXPOSIÇÃO DE LOURDES CASTRO NA GALERIA 111 revela-nos imagens dessa importante exposição centrada em sombras e silhuetas. Apresentam-se ainda excertos do filme D'UN PAYS À L'AUTRE, RETOUR AU PORTUGAL, LOURDES CASTRO DE MADÈRE (1976), de José Maria Bersoza, e imagens de A LINHA DO HORIZONTE (1984), de Teresa Vaz da Silva, que registam outros teatros de sombras.



► Terça-feira [11] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
PROGRAMA LUÍS NORONHA DA COSTA - 2

“COISAS”

Portugal, 1972-73 – 23min

SEM TÍTULO I

Portugal, 1972-73 – 23 min

SEM TÍTULO II

Portugal, 1973 – 43 min

de Luís Noronha da Costa

duração total da projeção: 89 minutos | M/12



Os dois filmes sem título ecoam (ou refletem) as pesquisas de pintura de Luís Noronha, sobretudo na busca da imagem que se forma “aquém do plano da nossa retina”. A parte I envolve experiências diversas, incluindo alguns planos com as cabeças referentes ao filme AS TRÊS GRAÇAS. “COISAS” reúne imagens várias filmadas por Luís Noronha da Costa, a que este deu mais tarde esse nome. Nestas obras, as primeiras em que trabalha com atores, Noronha favorece a improvisação livre, que se estende à fotografia do filme ou à pintura representada.



Com PADRES, estes são os títulos de Noronha da Costa em que a componente “ficção” é mais visível. E se só O CONSTRUTOR DE ANJOS teve apoio financeiro do Instituto Português de Cinema e uma pequena equipa de produção, todos eles podem aproximar-se desta por uma eventual filiação no género de “terror”, abordado com enorme desenvoltura e grande sentido de humor. Como eles, D. JAIME é dependente dos *gothic films* (ou não fosse Terence Fisher uma das suas grandes admirações). Todas são variações sobre “corpos especulares”, evoluindo numa magia luminosa e numa incandescência sensual e sensorial. Simultaneamente, visões irônicas e visões eróticas, são histórias de virgens perversas e sádicos irrisórios, ressuscitados do romantismo alemão e britânico em décors bem portugueses. Luís Noronha da Costa realizou-o, fotografou-o e montou-o, como todos os seus outros filmes, à exceção de O CONSTRUTOR DE ANJOS, fotografado por Acácio de Almeida.

► Quarta-feira [12] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
PROGRAMA LUÍS NORONHA DA COSTA - 3

D. JAIME OU A NOITE PORTUGUESA

com André Gomes, Rita Azevedo Gomes, António Caldeira Pires
Portugal, 1974 – 62 min

O CONSTRUTOR DE ANJOS

com Suzi Turner, Anthony Peter, Mafalda de Mello e Castro, Eduardo Trigo de Sousa, António Caldeira Pires, Agostinho Alves
Portugal, 1978 – 45 min

de Luís Noronha da Costa

duração total da projeção: 107 minutos | M/12

► Quinta-feira [13] 19h30 | Sala M. Félix Ribeiro
PROGRAMA ANA HATHERLY – 3

MÚSICA NEGATIVA (PERFORMANCE DE E.M. DE MELO E CASTRO)

Portugal, 1965-1977 – 4 min / mudo

PERFORMANCE DAS VELAS NA S.N.B.A.

Portugal, 1977 – 3 min / mudo

A CONFISSÃO DE MARIANA

Portugal, 1980 – 2 min / mudo

Série “OBRIGATÓRIO NÃO VER (EXCERTOS)”: ENTREVISTA COM FERNANDO PERNES EXPOSIÇÃO DE JOCHEN GERZ

Portugal, 1979 – 11 min / som

MÚSICO/TEXTO – ANAR BAND COM E.M. DE MELO E CASTRO

Portugal, 1978 – 24 min / som

EPISÓDIOS – PERFORMANCE DE EMÍLIA NADAL

Portugal, 1979 – 9 minutos / som

de Ana Hatherly

duração total da projeção: 75 minutos | M/12

A sessão é introduzida por um conjunto de *performances* filmadas por Ana Hatherly, que podemos exibir agora em cópias novas. MÚSICA NEGATIVA é uma *performance* de E. M. de Melo e Castro (do qual exibiremos filmes na segunda parte deste programa), documentada por Hatherly. PERFORMANCE DAS VELAS teve lugar na Sociedade Nacional das Belas Artes em 1977 e é a própria artista a protagonista. As imagens de A CONFISSÃO DE MARIANA estão em bruto e foram registadas durante uma *performance* de Hatherly na Galeria de Arte Moderna, em 1980. A sessão prossegue com excertos de um programa que Ana Hatherly produziu para a RTP em 1978 e 1979, cujo título OBRIGATÓRIO NÃO VER é bem ilustrativo da singularidade que lhe preside, revelando ainda como para a artista, a televisão, à semelhança das suas restantes práticas artísticas, se queria experimental. Tratava-se de um programa de atualidade cultural e entre os segmentos encontramos uma entrevista a Fernando Pernes por ocasião de uma exposição de Jochen Gerz, que também vemos nas imagens; uma *performance* de Anar Band (Jorge Lima Barreto e Rui Reininho) com a participação de Ernesto Manuel de Melo e Castro, e a *performance* “Episódios”, de Emília Nadal.



► Quinta-feira [13] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
PROGRAMA JULIÃO SARMENTO - 2

SOMBRA

Portugal, 1976 – 67 min / mudo

RUMBA

Portugal, 1976 – 3 min / mudo

LANDSCAPE

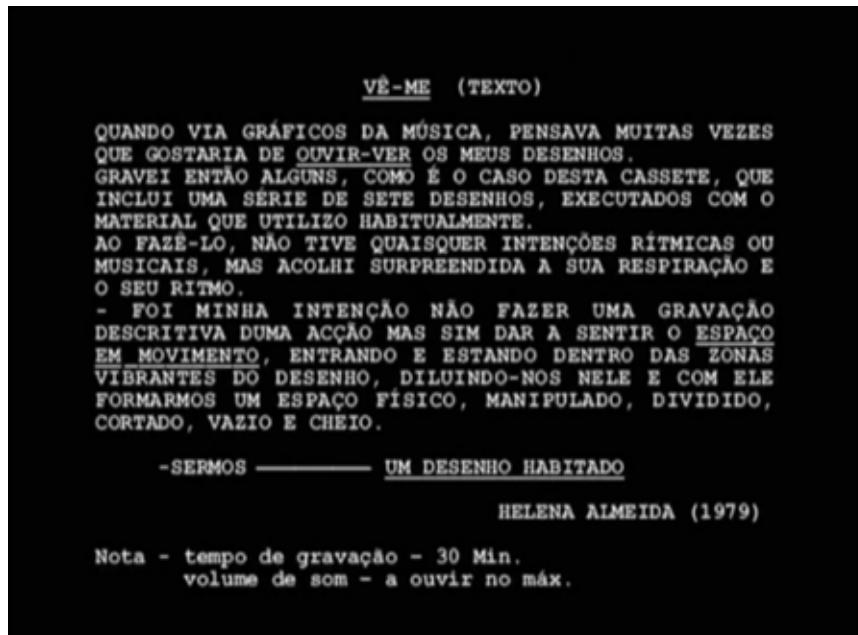
Portugal, 1980 – 12 min / som

de Julião Sarmento

duração total da projeção: 82 minutos | M/16

Esta sessão reúne os restantes dois filmes realizados por Sarmento em 1976 em Super 8, SOMBRA e RUMBA, a que se soma LANDSCAPE, a única das suas duas obras de 1980 que subsistiu, e que foi filmada em Vídeo U-Matic. Em SOMBRA, trabalho ambicioso, dada a sua extensa duração, a iluminação varia lentamente sobre duas mulheres despidas, transformando a imagem erótica num estudo de *chiaroscuro*. Como escreveu André Silveira em *Julião Sarmento, The Complete Film Works*, “são imagens que pelos seus enquadramentos remetem para o trabalho de pintura do artista”. Em RUMBA uma mulher dança a conhecida dança cubana, envergando um vestido de cetim vermelho. Há movimentos próximos dos de PERNAS e uma sugestão musical de algo que não se ouve. Em LANDSCAPE uma ventoinha captada de uma televisão abre um filme cuja protagonista é uma mulher sentada numa cadeira giratória. Uma das características que distingue este trabalho das experiências anteriores de Sarmento é o recurso ao som. Depois de LANDSCAPE, o artista só voltaria a trabalhar em vídeo em 1996, apresentando uma video-instalação com 2 projeções, iniciando uma nova fase na sua obra.





OUVE-ME insere-se numa extensa série de trabalhos que Helena Almeida (1934-2018) desenvolveu de 1978 a 1980 intitulada *Sente-me, Ouve-me, Vê-me*, em torno de premissas contraditórias entre a imagem e a sua representação, que atravessam a fotografia, o trabalho de som e o vídeo. OUVE-ME, o primeiro trabalho em vídeo de Helena Almeida, revela a impossibilidade através da ausência de som da palavra “ouve-me” na boca da artista enquanto esta a pronuncia. VÊ-ME é uma peça sonora, em que se ouve o som de um desenho a ser feito em grafite sobre o papel. Como escreveu Isabel Carlos, “significativamente, toda a obra de Helena Almeida não usa a escrita a não ser uma vez. E para escrever a palavra ‘Ouve-me’. Mas esta injunção escreve-se ou escrevinha-se como uma linha de sutura que cose os lábios e impede a saída da voz, ou em frente de um ecrã-cortina que não deixa passar o corpo que poderia falar, mas não fala, que poderia dizer, mas não diz”.



- Sábado [15] 19h30 | Sala Luís de Pina
 PROGRAMA HELENA ALMEIDA
- OUVE-ME**
 Portugal, 1979 – 5 min / mudo
- VÊ-ME**
 Portugal, 1979 – 32 min / som
- de Helena Almeida
duração total da projeção: 37 minutos | M/12
- SESSÃO COM APRESENTAÇÃO**

Durante os anos sessenta e setenta, António Palolo (1946-2000) experimentou com os formatos cinematográficos de 8 mm e Super 8 produzindo um grupo extraordinário de trabalhos, com óbvias relações com a sua restante obra plástica. Parte destes filmes recuperaram imagens da cultura popular, corpos masculinos e femininos, imagens de *cowboys* e *pin-ups*, personalidades importantes na época, recortadas de revistas, que são colocados em movimento acompanhados de diversas formas geométricas, em obras na sua maior parte a preto e branco. Há ligações óbvias à pop art, ao movimento dada e ao surrealismo, mas também às pinturas que o artista produziu entre 1968 e 1971, nas quais articulava referências pop num estilo aberto àfiguração e à abstração. Filmados maioritariamente em Super 8 e com cerca de três minutos cada, encontramos nesta sessão um conjunto de filmes datados de 1968 e 1969. A sessão termina com *LIGHTS*, iniciado por Palolo em 1972 e concluído já em 1976, no qual é bem claro o interesse pela astronomia e pela cosmologia, que marcará uma fase posterior do seu trabalho. A cor adquire aqui também um importante papel, com o artista a usar filtros de cor em certas partes do filme.



► Sábado [15] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
PROGRAMA ANTÓNIO PALOLO - 1

FILMES 1968/1969
Portugal, 1968-69 – 28 min

LIGHTS
Portugal, 1972-76 – 21 min

de António Palolo

duração total da projeção: 49 minutos / mudos | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

► Segunda-feira [17] 19h30 | Sala Luís de Pina

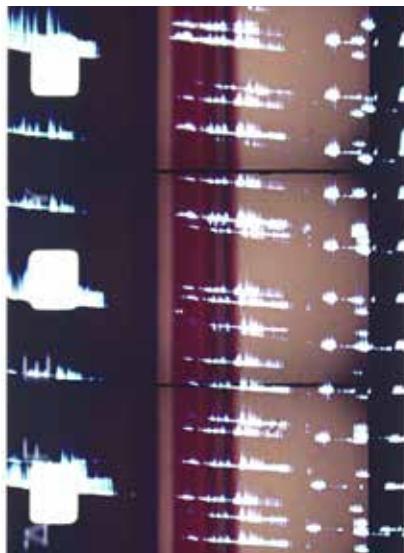
PROGRAMA ANTÓNIO PALOLO - 2

FILMES 1970/1971

Portugal, 1970-71

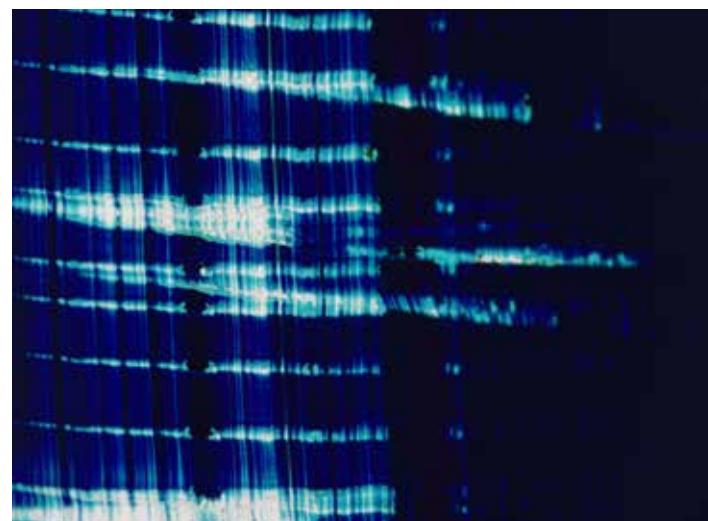
de António Palolo

duração total da projeção: 40 minutos / mudos | M/12



Uma sequência rítmica de desenhos em contínuo movimento, riscados diretamente na película Super 8, que se transforma num movimento hipnótico de elevada potência visual. As cores, os traços, as linhas da pintura e do desenho ganham toda uma outra força distinta da confinada aos limites da tela ou da folha de papel através da sua ativação pela montagem do cinema e posterior projeção. Um filme de extraordinária beleza que reenvia para toda uma tradição dos filmes sem câmara das vanguardas e do cinema experimental, de Len Lye a Stan Brakhage.

Esta segunda sessão Palolo concentra-se nos filmes em Super 8 que realizou em 1970 e 1971, e que oscilam entre o que podemos chamar de registo amador e um trabalho mais explicitamente experimental, tendo o mais curto um minuto e o mais longo nove. Inclui-se aqui um dos seus filmes mais conhecidos, em que regista o movimento frenético de um conjunto de formigas num recipiente circular cheio de açúcar. Pelo meio, imagens de Itália, de exposições de António Charrua ou do próprio Palolo. Experiências iniciais que podem também ser relacionadas com as suas pinturas da época face ao modo como se articula a relação entre as formas orgânicas e as formas geométricas, em que transparece mais uma vez a importância do círculo.



► Terça-feira [18] 19h30 | Sala Luís de Pina

PROGRAMA ANTÓNIO PALOLO - 3

DRAWINGS

Portugal, 1971 - 62 min / mudo | M/12

de António Palolo

► Quarta-feira [19] 19h30 | Sala Luís de Pina
PROGRAMA SILVESTRE PESTANA

GEO-PSICO-VERSO

Portugal, 1980 – 16 min / mudo

HOMESTASIAS

Portugal, 1978-80 – 14 min / som

LIMITE D'AR-TE SÉC. XX

Portugal, 1982 – 6 min / som

3 COMPUTER POEMS

Portugal, 1981, 1982, 1983 – 5, 3, 4 min / mudos

BIOVIRTUAL

Portugal, 1984 – 7 min / som

UNI VER SÓ

Portugal, 1985 – 25 min / som

CRAK

Portugal, 1987 – 3 min / som

de Silvestre Pestana

duração total da projeção: 83 minutos | M/12

COM A PRESENÇA DE SILVESTRE PESTANA

Emergindo de um grupo de poetas experimentais, Silvestre Pestana (n. 1949) aliou as artes visuais à poesia como modo de resistir à censura. Poeta, artista plástico e *performer*, Pestana criou, desde os finais dos anos 1960, uma obra singular numa diversidade de disciplinas, usando o vídeo como um veículo em direto da prática poética e da ação performativa, como testemunham os vídeos-poemas-*performances*, mas também as criações que continua hoje a desenvolver com recurso a outras tecnologias.

A abordagem de Pestana ao vídeo foi profundamente vanguardista no Portugal dos anos 1970 e 1980, com uma produção desenvolvida inicialmente no contexto da Escola Superior de Belas-Artes do Porto e dada em grande parte como perdida. De entre os títulos a apresentar destacamos: GEO-PSICO-VERSO (1980), BIOVIRTUAL, (1984), UNI VER SÓ (1985) e CRAK (1987), com música dos Telectu. GEO-PSICO-VERSO explora a imagem e o seu *continuum* entre signos teatrais, não-linguísticos e de *performance*. BIOVIRTUAL é um vídeo de 1984, mas também uma *performance* que realizou na Fundação Calouste Gulbenkian. Em UNI VER SÓ podemos ver a montagem da própria peça. São filmes que simultaneamente dessacralizam o processo artístico e refutam as convenções da videoarte e da imagem cinematográfica.





Uma sessão centrada em dois acontecimentos que reuniram coletivos de artistas portugueses no final dos anos 1960 e 1970, que tiveram por detrás da sua organização, Ernesto de Sousa (1921-1988), figura determinante nas artes plásticas e no cinema deste período, cuja obra dividimos pelas duas partes deste programa. Em *ALTERNATIVA ZERO* Fernando Curado Matos documentou em Super 8 a importante exposição organizada por Ernesto de Sousa em 1977 na Galeria de Belém centrada nas “Tendências Polémicas na Arte Portuguesa Contemporânea”. O Encontro do Guincho foi uma importante reunião organizada por Ernesto de Sousa, em colaboração com Noronha da Costa e com a Oficina Experimental. Foram vários aqueles que o filmaram, entre os quais Carlos Calvet, cujo filme já mostrámos também noutra sessão, mas também Manuel Torres ou Joaquim Barata, que no dia 3 de Abril de 1969 compareceram no Guincho para um *happening*, que depois foi seguido por um convívio. A arte, a festa, a vida. Um encontro de artistas/amigos em que vemos Ernesto de Sousa, Noronha da Costa, Helena Almeida, Artur Rosa, Jorge Peixinho, Ana Hatherly, Melo e Castro, Fernando Pernes, entre muitos outros.

► Quinta-feira [20] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
PROGRAMA ERNESTO DE SOUSA – 1

ALTERNATIVA ZERO

de Fernando Curado Matos
Portugal, 1977 – 40 min / som

UM DIA NO GUINCHO, COM ERNESTO

de Carlos Calvet
Portugal, 1969 – 7 min / mudo

ENCONTRO DO GUINCHO

de Joaquim Barata
Portugal, 1969 – 9 min / mudo

ENCONTRO DO GUINCHO

de Manuel Torres

Portugal, 1969 – 5 min / mudo

duração total da projeção: 55 minutos | M/12
SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

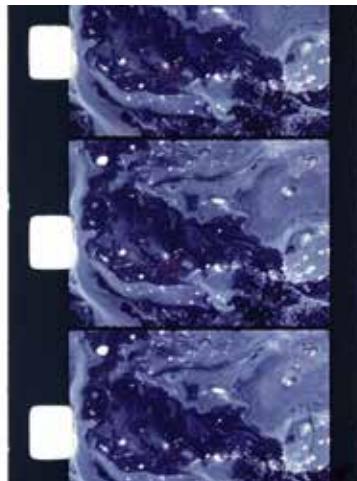
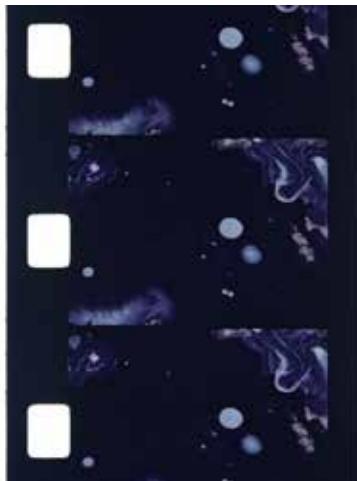
► Sexta-feira [21] 19h30 | Sala Luís de Pina
PROGRAMA ANTÓNIO PALOLO - 4

FILMES 1972/1976

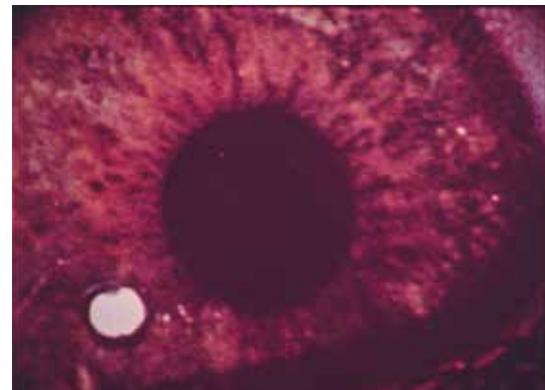
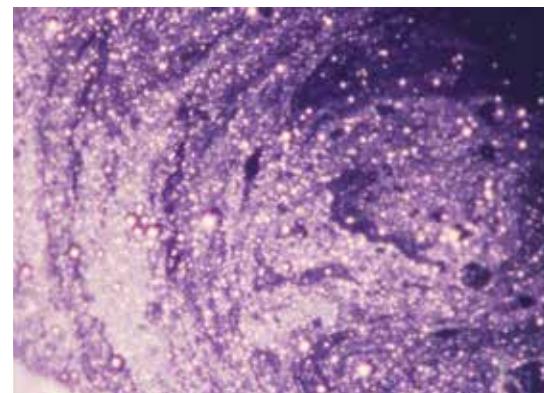
Portugal, 1972-76

de António Palolo

duração aproximada da projeção: 60 minutos / mudos | M/12



Esta sessão apresenta-nos a produção fílmica de António Palolo realizada entre 1972 e 1976. Nela vemos imagens do artista a dançar, a fumar e a rir. Imagens de estrelas, excertos de BD, pinturas de Magritte, estátuas, cubos translúcidos, a lua de Melville, imagens de pinturas, nuvens, rostos pop recordados em revistas, alusões a Warhol, figuras grotescas, pop, recortes de revistas, mas também excertos do filme LIGHTS. Com o aproximar do final da década, os filmes de António Palolo passam a tender para o esoterismo e para a metafísica, preparando o caminho para OM (1977-1978).



► Sábado [22] 19h30 | Sala Luís de Pina
PROGRAMA ANTÓNIO PALOLO - 5

OM

Portugal, 1977-78 – 96 min / mudo | M/12

de António Palolo

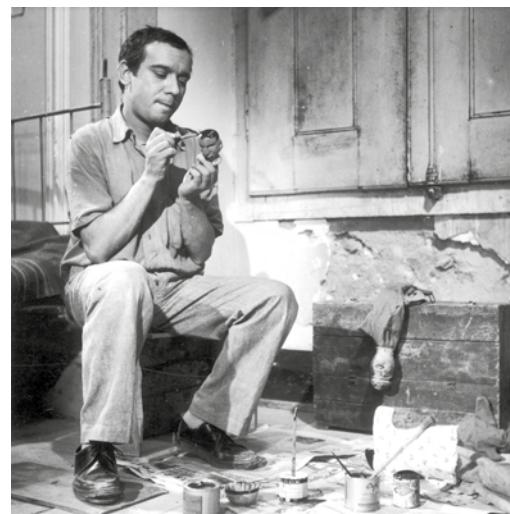
OM funciona como síntese de trabalhos anteriores de Palolo. “Filme genésico, misterioso, em que o pensamento abstrato se transmuta constantemente no concreto da matéria, e o nível microscópico das coisas se permuta com a representação macroscópica do universo.” (Miguel Wandschneider, *António Palolo, Os Filmes*, Culturgest 2012). As imagens são feitas de cor, luz e matéria, que o artista constrói a partir de misturas de tintas com outros líquidos na banheira de sua casa.

► Terça-feira [25] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
PROGRAMA ERNESTO DE SOUSA - 2

DOM ROBERTO

de Ernesto de Sousa
com Raul Solnado, Glicínia Quartim
Portugal, 1962 - 102 min | M/12

DOM ROBERTO é o filme que melhor espelha a intensa relação de Ernesto de Sousa com o cinema e traduz o seu forte envolvimento com o desenvolvimento de uma cultura cinematográfica que estaria na origem do Cinema Novo em Portugal. Representou uma inédita experiência em Portugal, tendo sido produzido em regime de “cooperativa de espectadores”. O filme ficou na história do cinema português como uma incursão no neorealismo e representou o primeiro sinal de mudança. É a história, de características chaplinescas, em que um bonecreiro e uma pobre rapariga procuram sobreviver mantendo a esperança face à adversidade. Um título imprescindível para evocar as origens do Cinema Novo, que provocou uma revolução no modo de fazer cinema em Portugal e que foi premiado no Festival de Cannes.



► Quarta-feira [26] 19h30 | Sala Luís de Pina

PROGRAMA FERNANDO CALHAU

DESTRUÇÃO,

Portugal, 1975 – 3 min | mudo

ESPAÇO - TEMPO

Portugal, 1975 – 4 min | mudo

TEMPO

Portugal, 1975 – 3 min | mudo

WALK THROUGH

Portugal, 1976 – 3 min | mudo

MAR I

Portugal, 1976 – 3 min | mudo

MAR II

Portugal, 1976 – 3 min | mudo

Mar III (REMAKE)

Portugal, 1976/2001 – 3 min | mudo

de Fernando Calhau

duração aproximada da projeção: 25 minutos | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Pintor de formação, Fernando Calhau (1948-2002) começa no início dos anos setenta um trabalho em séries, caminhando no desenvolvimento de uma linguagem conceptual e minimal. É nesta fase que Fernando Calhau trabalha com novos suportes como o filme Super 8, o vídeo e a fotografia em torno do binómio Espaço/Tempo, temas muito abordados pelo artista. **DESTRUÇÃO**, filme de 1975, representa um claro gesto de ruptura com a ordem estabelecida em que o pintor vai escondendo o ecrã até o cobrir completamente. Em 1976, com base num confronto entre a projeção de filmes em Super 8 e a de diapositivos, Fernando Calhau produziu **MAR I**, **MAR II** e **MAR III**, instalações que se relacionavam diretamente com um

conjunto de fotografias que desenvolvera em Londres entre 1973 e 1974, que introduziam a dimensão temporal em imagens fixas. Insatisfeito com o registo filmico de Mar III, em 2001 Fernando Calhau repetiu esse trabalho em vídeo, regressando exatamente aos mesmos locais que registara anteriormente, e assumindo essa nova versão como um “remake”. A reconstituição destas instalações é realizada com o apoio da Coleção do Centro de Arte Moderna Gulbenkian.



► Quarta-feira [26] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
PROGRAMA ERNESTO DE SOUSA - 3

CENTRO INFANTIL HELEN KELLER

de Ernesto de Sousa

Portugal, 1968 - 15 min / som

CRIANÇAS AUTISTAS

de Ernesto de Sousa

Portugal, 1969 - 9 min / mudo

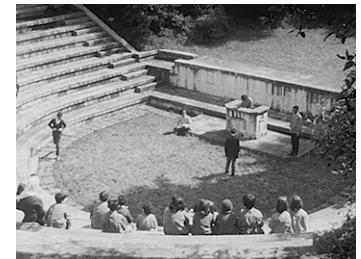
QUINTA EXPERIMENTAL [BRUTOS - EXCERTO]

de Ernesto de Sousa

Portugal, 1958 - 70 min (30 min) / mudo

duração aproximada da projeção: 54 minutos | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO



Três títulos que remetem para a produção documental de Ernesto de Sousa, enquanto cineasta. São apenas alguns de um vasto conjunto de filmes que assinou entre o final dos anos 1950 e 1970, com os mais diversos fins. Filmes que revelam bem as preocupações que atravessaram toda a sua obra, desde uma atenção muito particular à arte popular, aos métodos experimentais (também no ensino), à reinvenção permanente. CENTRO INFANTIL HELEN KELLER e CRIANÇAS AUTISTAS retratam os métodos da conhecida escola lisboeta onde crianças invisuais estudam lado a lado com as outras crianças, e de João dos Santos. De

QUINTA EXPERIMENTAL, filme de 1958 de que neste momento só se conhece o material bruto, revelamos imagens (não existe o som) de uma extraordinária beleza, em versão recentemente digitalizada. Nesta sessão apresentaremos um excerto da totalidade desse material.



► Quinta-feira [27] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

PROGRAMA VÍTOR POMAR - 1

R (A FILM IN THREE EPISODES)

de Vítor Pomar, Fabienne da Quasa Rieva Ayats

Portugal, Holanda, 1976-78 – 100 min / som | M/12

COM A PRESENÇA DE VÍTOR POMAR

da produção pictórica uma série de trabalhos que se aproximavam da abstração. Com um percurso indissociavelmente ligado à pintura, Pomar trabalhou ainda noutros suportes, tais como a gravura, a escultura, o filme, o vídeo e a fotografia, datando deste período, os seus primeiros filmes. Próximo do expressionismo abstrato, os filmes experimentais que realiza alternam entre o Super 8 e o 16 mm, estabelecendo um diálogo com as outras artes e reivindicando a herança de cineastas como Stan Brakhage, Jonas Mekas ou Chris Marker. São filmes diarísticos que remetem para o modo como vive no estúdio, na cidade, o seu trabalho, revelando a absoluta indistinção entre a sua vida e a prática artística. R é um filme composto por três episódios, respetivamente: CRUSH PROOF BOX, HANDLE WITH CARE e CURRICULUM VITAE. No primeiro, o estúdio tem um papel determinante. Como diz Pomar: “CRUSH PROOF BOX, de 1974, foi por aí que começou.: Tirei fotografias no meu estúdio, o primeiro estúdio que tive na Holanda. Durante seis meses, tirei fotografias do próprio quarto. Do quarto e de mim. Depois de filmar estas 140 fotos, cada uma exibida durante 8 segundos, este foi o início. Esse foi o primeiro episódio. Depois acrescentei outros dois episódios, que eram em filme real, em 16 mm. Este tornou-se “R” (de *random*, aleatório).” Filmados a preto e branco e em 16mm, estes “episódios” marcam o início de Pomar no cinema.





Como afirmou Pomar, FILM surgiu “do meu fascínio por músicos de jazz. Naquela época, em Amesterdão, a cena musical era muito animada e interessante. Durante dois anos, gostei muito dela e fiz duas exposições no Bimhuis, um dos espaços importantes para o jazz de lá. Portanto, foi divertido. Eu tinha estas pinturas grandes e, pela primeira vez, estavam realmente presentes na sala. E partilhei muitas experiências com músicos.”

É um retrato de músicos que conta com Lary Fishkind (tuba), Antonello Salis (piano), Sean Bergin (saxofone soprano), Roberto Bellatalla (baixo) e Hon Singer (violino). MY EDUCATION “é a história da minha relação com o espaço, com a música, e da transformação duma máscara perante o nosso olhar.” (Vítor Pomar).

► **Quinta-feira [27] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro**
PROGRAMA VÍTOR POMAR – 2

FILM / MUSICIAN'S PORTRAIT

Holanda, 1979 – 42 min / som

MY EDUCATION

Holanda, 1974/1980 – 38 min / legendado eletronicamente em português

de Vítor Pomar

duração total da projeção: 77 minutos | M/12

COM A PRESENÇA DE VÍTOR POMAR

► Sábado [29] 19h30 | Sala Luís de Pina
**PROGRAMA PROJEÇÃO EM
SUPER 8 / 8 MM / 16 MM**
de realizadores vários
duração total da projeção: 60 minutos | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Para encerrar a primeira parte deste programa, apresentamos um conjunto de filmes nos seus suportes originais, nomeadamente em Super 8, 8 mm e 16 mm. Uma sessão realizada com o projetor no interior da sala. Não o fazemos mais ao longo das muitas sessões devido à fragilidade do suporte e ao estatuto dos seus materiais, que, mesmo se digitalizados, são na sua maioria materiais únicos. Entre esses filmes projetaremos obras de Julião Sarmento, Fernando Calhau e de Luís Noronha da Costa.



CINEMA EXPERIMENTAL PORTUGUÊS: O CINEMA DOS ARTISTAS, ANOS 60 E 70

NOVEMBRO 2025, CINEMATECA PORTUGUESA

05 QUARTA-FEIRA

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO

Programa CARLOS CALVET

MOMENTOS NA VIDA DO POETA

VENEZIA 1959

ESTUDO DE CAMIONETA ABANDONADA

FILME EXPERIMENTAL

UM DIA NO GUINCHO, COM ERNESTO

de Carlos Calvet

06 QUINTA-FEIRA

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO

Programa ANA HATHERLY 1

THE THOUGHT FOX

FRAGMENTOS DE ANIMAÇÃO

SOPRO

5 EXERCÍCIOS DE ANIMAÇÃO

C. S. S.

REVOLUÇÃO

DIGA-ME, O QUE É A CIÊNCIA? – I

DIGA-ME, O QUE É A CIÊNCIA? – II

ROTURA

de Ana Hatherly

07 SEXTA-FEIRA

19H30 | SALA LUÍS DE PINA

Programa ANA HATHERLY 2

REVOLUÇÃO

DIGA-ME, O QUE É A CIÊNCIA? – I

DIGA-ME, O QUE É A CIÊNCIA? – II

ROTURA

de Ana Hatherly

08 SÁBADO

20H00 | SALA LUÍS DE PINA

Programa JULIÃO SARMENTO 1

ACORDAR

1, 2, 3

TV

MÉDIA

PERNAS

CÓPIAS

FACES

de Julião Sarmento

22H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO

Programa LOURDES CASTRO 1

O AMOR QUE PURIFICA

TROTOÁRIO AZUL

realização coletiva

10 SEGUNDA-FEIRA

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO

Programa NORONHA DA COSTA 1

CASA SOBRE CASA

AS TRÊS GRAÇAS

MANUELA

A MENINA MARIA

MURNAU

KARL MARTIN

PADRES

de Luís Noronha da Costa

11 TERÇA-FEIRA

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO

Programa LOURDES CASTRO 2

SOMBRIAS POR LOURDES CASTRO

de Manuel Pires, Lourdes Castro

LINHA DE HORIZONTE. TEATRO DE SOMBRIAS

de Catarina Mourão, Lourdes Castro

EXPOSIÇÃO DE LOURDES CASTRO NA GALERIA 111

de Manuel Pires

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO

Programa NORONHA DA COSTA 2

“COISAS”

SEM TÍTULO I

SEM TÍTULO II

de Luís Noronha da Costa

12 QUARTA-FEIRA

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO

Programa NORONHA DA COSTA 3

D. JAIME OU A NOITE PORTUGUESA

O CONSTRUTOR DE ANJOS

de Luís Noronha da Costa

13 QUINTA-FEIRA

19H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO

Programa ANA HATHERLY 3

MÚSICA NEGATIVA (PERFORMANCE DE E.M. DE MELO E CASTRO)

de Ana Hatherly, E. M. de Melo e Castro

PERFORMANCE DAS VELAS NA S.N.B.A.

A CONFISSÃO DE MARIANA

Série “OBRIGATÓRIO NÃO VER (EXCERTOS)”: ENTREVISTA COM FERNANDO PERNES

EXPOSIÇÃO DE JOCHEN GERZ

MÚSICO/TEXTO – ANAR BAND COM E.M. DE MELO E CASTRO

EPISÓDIOS – PERFORMANCE DE EMÍLIA NADAL

de Ana Hartherly

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO

Programa JULIÃO SARMENTO 2

SOMBRA

RUMBA

LANDSCAPE

de Julião Sarmento

15 SÁBADO

19H30 | SALA LUÍS DE PINA

Programa HELENA ALMEIDA

OUVE-ME

VÊ-ME

de Helena Almeida

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO

Programa ANTÓNIO PALOLO 1

FILMES 1968/1969

LIGHTS

de António Palolo

17 SEGUNDA-FEIRA

19H30 | SALA LUÍS DE PINA

Programa ANTÓNIO PALOLO 2

FILMES 1970/1971

de António Palolo

18 TERÇA-FEIRA

19H30 | SALA LUÍS DE PINA

Programa ANTÓNIO PALOLO 3

DRAWINGS

de António Palolo

19 QUARTA-FEIRA

19H30 | SALA LUÍS DE PINA

Programa SILVESTRE PESTANA

GEO-PSICO-VERSO

HOMESTASIAS

LIMITE D'AR-TE SÉC. XX

Programa sujeito a alterações

Preço dos bilhetes - 3,20€

Estudantes/Cartão jovem,

Reformados e Pensionistas > 65 anos - 2,15€

Amigos da Cinemateca/Estudantes de Cinema - 1,35€

Amigos da Cinemateca / marcação de bilhetes:

tel. 213 596 262

Horário da bilheteira:

14h30-15h30 e das 17h30-22h00 | Sábados 14h00-21h30

Informação diária sobre a programação

em www.cinemateca.pt

Classificação Geral dos Espetáculos: IGAC

3 COMPUTER POEMS

BIOVIRTUAL

UNI VER SÓ

CRAK

de Silvestre Pestana

20 QUINTA-FEIRA

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO

Programa ERNESTO DE SOUSA 1

ALTERNATIVA ZERO

de Fernando Curado Matos

UM DIA NO GUINCHO, COM ERNESTO

de Carlos Calvet

ENCONTRO DO GUINCHO

de Joaquim Barata

ENCONTRO DO GUINCHO

de Manuel Torres

21 SEXTA-FEIRA

19H30 | SALA LUÍS DE PINA

Programa ANTÓNIO PALOLO 4

FILMES 1972/1976

de António Palolo

22 SÁBADO

19H30 | SALA LUÍS DE PINA

Programa ANTÓNIO PALOLO 5

OM

de António Palolo

25 TERÇA-FEIRA

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO

Programa ERNESTO DE SOUSA 2

DOM ROBERTO

de Ernesto de Sousa

26 QUARTA-FEIRA

19H30 | SALA LUÍS DE PINA

Programa FERNANDO CALHAU

DESTRUÇÃO,

ESPAÇO - TEMPO

TEMPO

WALK THROUGH

MAR I

MAR II

Mar III (REMAKE)

de Fernando Calhau

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO

Programa ERNESTO DE SOUSA 3

CENTRO INFANTIL HELEN KELLER

CRIANÇAS AUTISTAS

QUINTA EXPERIMENTAL [BRUTOS - EXCERTO]

de Ernesto de Sousa

27 QUINTA-FEIRA

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO

Programa VÍTOR POMAR 1

R (A FILM IN THREE EPISODES)

de Vítor Pomar, Fabienne de Quasa Rieva Ayats

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO

Programa VÍTOR POMAR 2

FILM / MUSICIAN'S PORTRAIT

MY EDUCATION

de Vítor Pomar

29 SÁBADO

19H30 | SALA LUÍS DE PINA

Programa Super 8

A aquisição de bilhetes em www.cinemateca.bol.pt e nos pontos de venda aderentes tem custos de operação associados no valor de 6%, acrescidos de IVA, sobre o valor total da compra.

Mais informações:

<https://www.bol.pt/Ajuda/CondicoesGerais>

Pontos de venda aderentes

(consultar lista em

<https://www.bol.pt/Projecto/PontosVenda>)



REPÚBLICA
PORTUGUESA

CULTURA, JUVENTUDE
E DESPORTO



cinemateca
portuguesa
MUSEU DO CINEMA, IP

Rua Barata Salgueiro, 39 - 1269-059 Lisboa | www.cinemateca.pt